

# Racismo e branquitude na prática profissional de psicólogas brancas e negras

## Racism and whiteness study in the practice of africanamerican and white psychologists

Hellen Maciel Santana<sup>1</sup>

Marilda Castelar<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo reflete algumas dimensões dos estudos sobre branquitude, na perspectiva de psicólogas brancas e negras. Considerando aspectos históricos que influenciaram e fazem parte da construção do contexto de uma sociedade desigual e racializada, objetiva-se conhecer o processo de construção identitária de psicólogas e as possíveis repercussões em sua vida, refletindo sobre essa vivência, uma vez que o preconceito parece estar arraigado no ser humano e no contexto social. Foi utilizado o método qualitativo de análise de conteúdo de entrevistas com psicólogas, pertencentes ao banco de dados do grupo de pesquisa "Psicologia, Diversidade e Saúde". As entrevistas foram realizadas a partir de roteiros semiestruturados, gravadas em áudio e transcritas. Estes conteúdos foram articulados com os estudos de branquitude produzidos por profissionais de psicologia. Com a revisão de literatura e as entrevistas, foi possível identificar como as marcas raciais podem interferir na prática profissional das psicólogas.

**Palavras-Chave:** racismo, práticas psicológicas, identidade, sofrimento psíquico.

**Abstract:** The very article is product of an analysis conducted on Whiteness Studies by Africanamerican Psychologists and White Psychologists. Historical aspects that influenced and are part of the construction of the context of an unequal and racialized society where considered. The goal of the article is to understand the process of identity construction of Psychologists, and the potential repercussions of it in one's life, reflecting on the perspective where prejudice seems to be ingrained in the human and social context. The qualitative method of content analysis of interviews where conducted with Psychologists member of the Psychology, Diversity and Health Research Group. The interviews were conducted from semi-structured scripts, audio taped and transcribed. These contents were articulated with Whiteness Studies considerations produced by Psychology professionals. By using literature review and interviews, it was possible to identify how the racial experiences background of each Psychologist can interfere directly on their modus operandi on practicing Psychology.

**Keywords:** racism, Psychological practices, identity, Psychological angst.

---

1 Graduada do Curso de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Estudante de Iniciação Científica pela FAPESB.

2 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestrado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Professora Adjunta no Curso de Psicologia e no Mestrado em Tecnologias em Saúde na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e como Professora na Faculdade São Bento.

# Racismo e branquitude na prática profissional de psicólogas brancas e negras

Racism and whiteness study in the practice of africanamerican and white psychologists

Hellen Maciel Santana

Marilda Castelar

## Introdução

O presente estudo faz parte da linha de pesquisa “Memória, Cultura e Subjetividade”, pertencente ao grupo de pesquisa “Psicologia, Diversidade e Saúde” e contempla um recorte da prática profissional de psicólogas, considerando as relações raciais. Tem como objetivo analisar o processo de construção identitária de psicólogas negras e brancas, bem como as possíveis repercussões em sua vida pessoal e profissional. Analisa assim as possíveis barreiras enfrentadas perante as desigualdades impostas às psicólogas frente à branquitude e negritude.

Para compreender os impactos do racismo na prática profissional de psicólogas negras e brancas na atualidade, torna-se necessário que sejam produzidas análises das relações históricas da psicologia com o racismo, bem como conhecer a prática das psicólogas a partir do seu engajamento ou não com a temática das relações raciais. Dito de outra maneira: há diferenças da atuação profissional quando existe o envolvimento nas discussões e práticas que envolvem racismo e exclusão? O entendimento do sofrimento psíquico como uma consequência do racismo se configura como um desafio para a psicologia, e pode repercutir de diversas formas na vida pessoal e na prática das profissionais no atendimento à população, contribuindo para mudanças no âmbito social e profissional das mesmas. Pode-se indicar como marcas raciais: baixa autoestima, humilhação social, desumanidade e estigmatização, que podem interferir no exercício da profissão, quando não são consideradas como objeto de estudo e intervenção. Como constituir uma identidade pessoal, profissional e lidar com a ausência da temática nos diversos contextos? Essa é uma demanda que a psicologia deve se preocupar para atuar.

Quanto ao nosso fazer, estamos efetivamente levando em consideração as especificidades da população? O próprio Código de Ética Profissional (2005) define como um de seus Princípios Fundamentais, mais especificamente no artigo II, que “o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p.7), assim como considerará as relações de poder nos contextos que atua. Então, no que diz respeito ao exposto, as relações raciais e de gênero não entrariam nitidamente na nossa atuação? Seria necessário outro exemplo mais explícito, como a resolução nº 18/2002, que estabelece normas para a atuação de psicólogas e psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial?

Afinal, quem é a psicóloga brasileira, e onde atua? Estudo que teve esta pergunta como título apontou em 2012 que 67% das entrevistadas afirmaram ser brancas, 25% se declararam pardas e 3% pretas, o que já somam 28%. Esses dados são referentes à distribuição das psicólogas brasileiras por cor ou raça declarada, evidenciando-se a desigualdade no acesso ao ensino superior da população negra (Lhullier & Roslindo 2013).

Baseado em autores como Bruschini (2001), Lombardi (2001) e Lhullier (2013) observou-se que os salários revelam outra forma de desigualdade, tendo eles a seguinte ordem hierárquica: homens brancos, mulheres brancas, homens negros e, por fim, mulheres negras. Considerando a distribuição das psicólogas por área de atuação, revela-se que em 45% dos casos, temos como principal área de atuação “que lhe proporciona maior renda” a

área da saúde, entendendo-se, separadamente áreas tais como: Trabalho / Organizacional / RH; Educação; Assistência social; Mobilidade urbana e trânsito / transportes; Mundo jurídico; Clínica; Comunidade / projetos sociais / ONGs; Direitos humanos; Comunicação social; Formação; Questões de gênero. Todos esses campos de atuação perpassam o tema das relações sociais, que independe de onde a psicóloga atue, mas que envolve os modos como compreende o tema em sua vida e em sua prática.

O racismo ocasiona sofrimento psíquico e desigualdades sociais, bem como possíveis danos na vida dos indivíduos, aspectos que podem influenciar na construção da identidade de psicólogas, refletindo, dessa forma, sobre uma difícil vivência, onde o preconceito parece estar arraigado no ser humano e no contexto social, fazendo pessoas negras se sentirem incapazes e excluídas diante da condição que lhes é imposta, a de menos valia.

Autores como Hasenbalg (1979) e Schucman (2010), revelam que negros na mesma condição social que brancos têm menores possibilidades em todos os campos da vida, com base em autores como Júlio (2009) e Strey (2009). Um desses campos é o da educação e, com a finalidade de mudar essa realidade e ainda de buscar o caminho da equidade racial é que surgiram, a partir de 2002, políticas públicas de Ação Afirmativa, como resposta à III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância correlata, realizada em Durban, África do Sul, em 2001. Tais políticas se aplicam à questão da educação no ensino superior como medida de justiça social entre a população negra e a população branca no Brasil, e visam à inserção e a permanência dos negros na universidade. Infelizmente, muitas políticas de cunho afirmativo são desconhecidas, tanto na sua compreensão, como nas formas de colocá-las em prática.

Conforme o texto de Castelar e Santos (2012), o tema das relações raciais ainda possui pouca expressão na psicologia. Existem manifestações explícitas e implícitas do racismo. Uma dessas formas de manifestação é a da crença de “Democracia Racial”<sup>3</sup>, que oculta as diferenças sociais e minimiza injustiças que acontecem a todo instante, marcando as subjetividades das pessoas, e favorecendo, assim, o encobrimento do preconceito racial, alimentando o discurso de uma relação sem desigualdades entre brancos e negros, o que não é verdade (Ferreira & Camargo 2011).

Dessa forma percebe-se uma necessidade de enfrentamento do racismo que diz respeito às relações raciais entre brancos e negros, sendo necessária a sensibilização de profissionais e estudantes para a importância da reflexão sobre as relações raciais em suas práticas, além das discussões para compreensão das consequências do racismo como gerador de sofrimento psíquico.

Nas falas das entrevistadas ao longo do artigo, podemos verificar o quanto estes estudos através de disciplinas, grupos de estudo e de pesquisa sobre o tema durante a formação é de fundamental importância para a prática profissional de psicólogas. Mas existem contradições que dificultam este processo, no que tange ao que é discutido academicamente e o que se leva para a atuação profissional:

A atividade na universidade é rica, estimulante, heterogênea, mas ali também se ganha pouco, faltam projetos coletivos de trabalho e a universidade não se apropria da experiência de trabalho do psicólogo, em seu consultório ou na instituição, para produzir novos conhecimentos. A experiência rica se restringe à sala de aula, e o saber crítico fica dissociado da atividade profissional (Bock, 1995, p. 283).

Observa-se que a universidade também apresenta falhas; entretanto algumas se propõem a debater, mesmo que pouco, temas que deveriam já fazer parte da formação profissional das psicólogas. Desse modo, as profissionais deixam de ter um olhar para

---

3 Democracia racial, a crença de que vivemos em plena harmonia racial, conforme Gilberto Freyre abordou em sua obra Casa Grande Senzala. Que já foi amplamente debatido no âmbito do movimento negro e da academia.

as demandas relativas à raça e gênero, que emergem continuamente no contexto social. São raras as disciplinas que abordam conteúdos, tais como movimentos sociais, direitos humanos, relações raciais e grupos de pessoas socialmente excluídas. No geral, observa-se que os cursos de psicologia ainda são muito tradicionais.

### **Racismo e exclusão**

De acordo com Hall (2003) e Gomes (2012), o conceito de raça está relacionado na atualidade a uma construção política e social que se organiza em um sistema de exclusão. Nessa construção, tenta-se justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas. Em 1992, Michael Foucault descreve o racismo como uma ideologia referente à ideia científica da luta entre as raças, segundo a qual há a ideia de que existe uma raça superior, revelando, desta forma, discursos e práticas racistas – o que pode ser reafirmado na citação a seguir:

as instituições médicas e jurídicas, entre outras dos Estados-Nações, fizeram funcionar no corpo social o discurso da luta de raças como princípio de segregação, eliminação e normalização da sociedade. Tratou-se, desta forma, de defender a sociedade contra todos os perigos biológicos das raças inferiores ou da mistura destas com a raça branca (Schucman, 2010, p. 98).

Percebe-se nos discursos que, somente no século XX, com avanços científicos, comprova-se que não existem diferenças entre as raças e “perigos” biológicos para a raça hierárquica, ou seja, branca, como se acreditava anteriormente. Mas, apesar disso, questões relacionadas ao preconceito relativo à cor da pele continuam a existir, sendo justificadas a qualquer custo. Há, por exemplo, o incentivo das famílias negras em casamentos inter-raciais. Por outro lado, as famílias brancas tendem a resistir à miscigenação:

Tendo em vista que o casamento é, em geral, uma forma de relacionamento íntimo e duradouro, os padrões de intercasamento - raciais, nacionais, religiosos, socioeconômicos etc. – podem ser usados como uma medida tanto das barreiras que separam os grupos quanto da aceitação mútua entre os membros desses grupos (Ribeiro, 2009, p. 5).

Nota-se que existem aproximações por “ideais” nos casamentos, já que o mesmo diz sobre a posição social do indivíduo, e pode abarcar a transmissão de benefícios.

O que se transforma são apenas os discursos e as formas de revelar o racismo. Aprofundar teoricamente o conceito de racismo se faz necessário, já que o mesmo se apresenta como uma categoria política e conceitual em ambientes que abordam tais questões. Entre os principais conceitos reproduzidos, Zamora, (2012) constata que o racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras, legitimando diferenças sociais a partir de um fenótipo. Nesse sentido, é preciso ir além desses conceitos. Há certa mudança nas formas de expressão do preconceito. As primeiras explicações psicológicas que apontavam para um racismo agressivo e institucionalizado estão sendo substituídas pela preocupação em revelar formas menos evidentes de racismo, sem desafiar as normas sociais vigentes, não havendo, assim, a diminuição do racismo. Para alguns autores, ele é camuflado, e muitas vezes as pessoas não o relevam de modo tão explícito. Camino (2013), por exemplo, fala de racismo sutil, o que não é consenso dentro do movimento negro da psicologia, já que, a partir desse ponto de vista, acredita-se que não existe sutileza nenhuma, como citado por tal autor, e que as formas de revelar o racismo são bem aparentes.

Pode-se perceber que a desigualdade racial se mantém. É como se o racismo fosse um problema do negro. Permanece assim o não questionamento do mesmo problema sobre os brancos, persistindo a sensação de hierarquia diante dos negros. Para mudar esse foco, deve-se observar que há a visibilidade no que diz respeito aos negros, e neutralidade para os brancos, já que são o “modelo” a ser seguido (Santos, Schucman & Martins, 2012).

No que diz respeito às mulheres negras, estas não possuem as mesmas oportunidades que às brancas, as quais desfrutam de mais privilégios. Conforme Mayorga (2013), percebe-se que existe a subalternização das mulheres negras, assim como violência e opressão, o que pode ser verificado quando as mesmas não possuem as mesmas condições de acesso ao ensino superior e a cargos de chefia em empresas, bem como aos salários altos. O mapa do negro no mercado de trabalho revela que a mulher negra, na maioria das regiões metropolitanas – tais como Distrito Federal e Recife –, ocupa postos de trabalho mais desiguais, o que pode ser verificado nos percentuais: “para a mulher negra essa proporção é de 44,8%, demonstrando, assim, a clara consequência da superposição dos atributos, cor e sexo, contra 30,4% entre as não-negras. Para o homem negro, esse percentual é de 27,6% e, para o não-negro, de 20,7%” (INSPIR, 1999, p. 103). Desse modo, é visível como as mulheres negras têm condições precárias em diversos aspectos da sua vida e como são expostas a vulnerabilidades.

### **Aspectos da Construção Identitária**

Como se dão as representações identitárias das psicólogas? Quais são os seus discursos e como é a prática das mesmas, no que diz respeito ao âmbito individual e profissional? Aqui, “Identidade [é] compreendida como movimento, como metamorfose, como um processo contínuo de identificações que reflete as ações do indivíduo, seu trabalho, seu viver diário, sua história de vida e seu projeto” (Bock, 1995, p. 280). O que pode ser percebido diante de uma construção social é justamente a deprecação da imagem do negro, sendo explícita a dificuldade da sua constituição identitária. Conforme citação a seguir:

O impacto de séculos de associações negativas com a imagem do negro na autoestima dessa população foi desastroso, inclusive gerando a dificuldade de assumir sua condição racial. O avanço hoje verificado na modificação dessa imagem para algo positivo, deve-se ressaltar, partiu majoritariamente do próprio grupo negro, através dos seus movimentos organizados, com o propósito, sempre reconhecido como urgente, de desenvolver a identidade e autoestima negra. (Silva, 2003, citado por Oliveira, 2007, p. 15).

É importante questionar as dificuldades e facilidades que as pessoas têm diante da cor da pele. Nota-se no cotidiano o pensamento de que o negro é o responsável pelo sofrimento que está vivenciando, sendo que esta é uma condição imposta aos próprios. Permanece assim a noção de que o racismo existe, mas ninguém se responsabiliza por ele, apenas o considera problema de quem o enfrenta. Constata-se que na atualidade o racismo tem sido mais discutido por profissionais negros da psicologia do que brancos, assunto que diz respeito a negros e brancos, e por isto nos referimos a “relações raciais”.

Desse modo, observa-se que os estereótipos e preconceitos constroem subjetividades referenciadas na imagem da pessoa negra como inferior à da pessoa branca. Assim, ambas as categorias mantêm relação entre si (Ferreira et al., 2011). Ainda na visão dos mesmos autores, é comum um mestiço com características negroides leves e com posição social elevada ser considerado branco. Outra pessoa, em função da classe social, com características físicas semelhantes, pode ser considerada negra, não sobrando espaço para que o indivíduo se identifique dentre outras etnias, mas apenas a branca, considerada como superior, ou a negra supostamente sendo inferior. Portanto, “a diferença reside no fato de que o excluído não necessita cometer nenhum ato de transgressão, como o desviante. A condição de excluído é-lhe imputada do exterior, sem que para tal tenha contribuído direta ou mesmo indiretamente” (Nascimento, 1994, p.2). Nesse sentido, salienta-se a importância de estudos sobre a branquitude, mais especificamente na Psicologia.

Olga Inácio (1984) aponta que as pessoas negras alisam o cabelo com o intuito de parecerem menos negras e, menciona uma experiência pessoal: quando resolveu usar o seu cabelo natural, houve resistência por parte de sua família, não sobrando espaço para a valorização da identidade negra, e sendo reforçada a busca de “identificar-se” com o ideal

branco. Isso demonstra o evidente sofrimento psíquico a que os negros estão expostos diariamente, devido às expressões de aversão e racismo sofridas a todo o momento. Situações de tratamento diferenciado e exclusão são marcos nas suas histórias de vida.

### **Branquitude e Branqueamento**

Os estudos sobre branquitude e branqueamento realizados pela Psicologia podem nortear as discussões sobre o tema das relações raciais, a fim de provocar possíveis mudanças diante da repercussão dos fenômenos do racismo. Como pode ser notado:

Os estudos sobre branqueamento e branquitude realizados pela Psicologia a partir da década de 90, ao tomarem a raça como uma construção social, evidenciam as relações de poder que essa estrutura leva: ao privilégio simbólico e material dos sujeitos brancos e aos aviltamentos relacionados aos negros em nossa sociedade. Eles mostram que, assim como as categorias de classe e de gênero, a categoria raça constitui, diferencia, hierarquiza e localiza os sujeitos em nossa sociedade. (Santos et al, 2012, p. 12).

Faz-se necessário compreender como o racismo pode trazer impactos para a constituição psíquica, já que “a branquitude se refere a um lugar de poder, de vantagem sistêmica nas sociedades estruturadas pela dominação racial” (Schucman, 2012, p. 102). O ideal da branquitude reflete na nossa cultura, demonstrando a opressão que as profissionais negras vivenciam, por conta de comportamentos e pensamentos construídos socialmente diante de ambas as raças. A branquitude vem a ser justamente o lugar ocupado pelo branco no que diz respeito às relações raciais. O branco não abre mão dos privilégios que possui e ao mesmo tempo, acaba por colocar o negro como sendo um não semelhante, pois entende que ambos não irão possuir os mesmos benefícios; quando o negro consegue tais privilégios, será notado como um negro que pretende embranquecer. Diante disso, é importante entender sobre o branqueamento e a correlação do mesmo com a branquitude, pois a branquitude é o lugar hierárquico do branco, que geralmente não é estudado e problematizado. Do outro lado, existe o branqueamento, que diz respeito ao lugar do negro, que muitas vezes vem a procurar identificar-se e alcançar o ideal branco, que supostamente é o melhor modelo de referência. “No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais” (Bento, 2002, p.25).

Observa-se que muitas psicólogas negras não se engajam nas discussões sobre relações raciais, o que pode ser fruto de um sofrimento que não é trabalhado. No geral, o negro acaba ficando no lugar de luta, onde precisa lidar da melhor forma possível com a sua própria identidade, por conta das diárias práticas racistas e de opressão vivenciadas. Distanciar-se do ideal dos brancos e considerar a própria negritude e identidade não é tarefa fácil. É ir contra ao que lhes é determinado socialmente. É não buscar o ideal da branquitude, quando o mesmo é um modelo idealizado de perfeição a ser adotado.

### **Raça e Gênero**

Sabe-se que existem hierarquias no que diz respeito à raça e gênero, sendo necessárias reivindicações e articulações entre os movimentos sociais de mulheres e de negros. A luta pela garantia de direitos levou mulheres negras a se unirem em algo que lhes era particular: a negritude e o feminino, produzindo assim uma dupla militância. “Diante da invisibilização da categoria “raça” nos estudos e nas ações do nascente movimento de mulheres e da não atenção às relações de gênero no movimento negro, mulheres negras militantes em tais organizações se propuseram a questionar essas práticas excludentes” (Rodrigues & Prado, 2010, p.449). Os movimentos sociais buscam, desse modo, lutar contra a exclusão

e principalmente por novas culturas políticas de inclusão. Batalham pelo reconhecimento da diversidade cultural, que tem sido incorporado para a construção da própria identidade dos movimentos (Gohn, 2011).

E no âmbito da psicologia, por onde caminhar? Uma psicologia brasileira, apesar de admitir ser uma profissão essencialmente de mulheres, invisibiliza a discussão das relações raciais e de gênero nos diversos campos teóricos e de atuação. Assim, faz-se necessário que a psicologia leve em consideração um novo discurso perante as relações raciais e suas consequências para psicólogas negras e brancas, compreendendo como as peculiaridades raciais enfrentadas pelas mesmas podem ser barreiras para o seu desenvolvimento profissional, interferindo e até impedindo muitas vezes o atendimento adequado à população, por ser desconsiderado o sofrimento psíquico oriundo do racismo.

O Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, desde 2005, quando foi organizada sua primeira edição, volta-se para o cuidado com os assuntos das condições vividas pelas mulheres negras, tendo como pilar a derrubada da desigualdade de remuneração e de ocupação dos cargos gerenciais. O programa direciona, desta forma, ações para dar visibilidade e valorizar o trabalho desenvolvido por mulheres. O mesmo encontra-se na sua 5ª edição, e se propõe a “disseminar novas concepções na gestão de pessoas e na cultura organizacional para alcançar a igualdade entre mulheres e homens no mundo do trabalho” (Brasil, 2013, p.5).

No caso das psicólogas negras, as mesmas precisam de condições iguais em seus locais de trabalho, na sociedade e principalmente nas instituições da psicologia, com respeito às diferenças, para se afirmarem, fortalecendo sua identidade, diante de questões emocionais. O que toca diretamente na própria identidade profissional, qualificando o atendimento à população e podendo reverberar assuntos ligados à etnia.

É necessário que, em qualquer ambiente, sejam discutidos ou levados em consideração assuntos ligados às relações raciais e de gênero, seja em escolas, empresas ou faculdades, e principalmente nos cursos de psicologia, pois tal profissão é uma das que precisam responsabilizar-se por tais temas, preparando-se para lidar com as relações raciais no cotidiano do exercício da profissão – tanto para o enfrentamento quanto para a superação de qualquer que seja a crença de inferioridade de mulheres negras e brancas. Pois, se já existem preconceitos no que diz respeito às mulheres, isto só se agrava quando esta é uma mulher negra.

Ao trazer à tona debates que possam promover a sensibilização de tal tema, fica mais uma questão: Afinal, será que a ausência dessas discussões sobre relações raciais, já não é um indicador que demonstra a invisibilidade existente? O silêncio prevalece, enquanto deveriam ser difundidas outras reflexões na prática profissional das psicólogas negras e brancas.

### **Psicólogas Brancas e Negras**

A exclusão de negros faz-se persistentemente presente no cotidiano de milhões de seres humanos. Qual é o papel das psicólogas e das suas práticas profissionais nesse processo? Precisamos transitar na polaridade do nosso não semelhante, não naturalizando assim o fenômeno do racismo. E, muito menos distanciando-se do mesmo, fugindo de tal contato. Temos muito que aprender com o outro, para que as diferenças não se tornem justificativas de práticas racistas.

Quantos brancos atendem negros em seus consultórios? Psicólogas negras também atendem pacientes negros e brancos? Até que ponto as diferenças raciais interferem nessa dinâmica? É preciso que as discussões na psicologia não fomentem mais desigualdade social, mas que estimulem uma troca entre as pessoas, seja qual for à cor da pele.

Portanto, identificar a influência de tais fatores na perspectiva da construção subjetiva e identitária das psicólogas e os seus possíveis impactos poderá trazer uma tomada de consciência para a população que estigmatiza. Fornecer qualidade de vida para as psicólogas negras é de fundamental importância, indo assim de encontro à quebra de paradigmas sociais e à promoção da saúde mental, já que é possível perceber que a qualidade de vida da mulher negra depende da superação da desigualdade racial e de gênero. Trata-se de uma realidade que possui assim especificidades, sendo que as mesmas se encontram nestas duas polaridades de disparidade existentes na sociedade, com histórico de desvantagens que continuam na atualidade.

Alguns autores e autoras – tais como Bento, (2003); Piza, (2003) Arruda, (2002) e Oliveira (2007) – desenvolveram estudos sobre brancos e o seu papel na manutenção das desigualdades raciais históricas. Salientaram a importância do estudo dos brancos devido ao fato de que negros são sempre problematizados como objetos de estudo, o que resultou na culpabilização dos negros, e reforçou a invisibilização do papel dos brancos. Portanto, salientam também que o estudo sobre relações raciais precisa mudar o foco, já que os “holofotes” recaem apenas sobre os negros. Dessa forma, é preciso que os brancos tenham consciência de que possuem privilégios, a fim de que possam refletir sobre a importância da sensibilização para o engajamento no enfrentamento do racismo. Isto só será possível quando existirem mudanças de práticas profissionais.

### Metodologia

Houve uma revisão de literatura inicialmente, e posteriormente foi feita uma releitura dos discursos das psicólogas negras que participaram de pesquisas anteriores. Foi utilizado como recurso metodológico qualitativo a análise de conteúdo, sendo de extrema importância o suporte da abordagem de produção de sentidos e práticas discursivas de Spink:

Nessa abordagem, a produção de sentidos, compreendida como um fenômeno sociolinguístico, busca entender tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano, como os repertórios interpretativos utilizados nas produções discursivas. Esses repertórios (...) circulam na sociedade e (...) [os] utilizamos para dar sentido às nossas experiências (Spink, 2004, p. 153).

Assim, a análise teve a finalidade de perceber, através de um olhar diferenciado, os vários discursos e peculiaridades que emergem das falas de psicólogas negras e brancas, e o olhar perante o fenômeno do racismo. Ainda sobre o recurso de metodologia qualitativa, o mesmo permite “desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (Minayo, 2010, p.57).

Desse modo, levou-se em consideração o modo como as experiências pessoais das psicólogas negras e brancas podem dizer sobre as experiências vivenciadas cotidianamente no que diz respeito ao fenômeno do racismo. Faz-se necessário verificar o que há por trás dos discursos, quais são os sentidos, significados e representações que possuem e que foram reforçados ao longo da vida das mesmas, assim como o percurso socio-histórico. Desse modo “é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (Minayo, 1994, p.15).

É justamente a partir das falas das entrevistas que as próprias entrevistadas podem comunicar suas vivências, já que tal suporte teórico tem como objetivo captar conceitos a partir dos argumentos das pessoas. No caso de tal estudo, foram analisados os discursos e posicionamentos das psicólogas negras, e a dimensão destas a respeito do racismo, levando em consideração a importância da memória, no sentido de recuperar relatos sobre o tema, com psicólogas negras que tinham se envolvido em discussões das relações raciais e eram



sensibilizadas com a temática.

Nessa perspectiva, o processo foi iniciado com a análise de quatro entrevistas do banco de dados do grupo de pesquisa. Utilizou-se apenas a inicial M (de “mulher”), para não identificar as psicólogas entrevistadas em 2010. Buscou-se analisar as percepções das psicólogas negras a partir do fenômeno das relações raciais, e como vem se dando a sua prática profissional. Nesse processo surgiram as seguintes categorias de análise: *vivências cotidianas*, em que foram consideradas as oportunidades diferentes que são expressas no cotidiano das psicólogas negras; *prática profissional das psicólogas brancas e negras*, por meio da qual observou-se os relatos de como é a atuação das psicólogas engajadas com a temática das relações raciais; e, por último, os *aspectos da construção identitária*, que relevam o quão é difícil afirmar a identidade negra, num contexto em que o branco é estabelecido socialmente como sendo o ideal de beleza e perfeição.

Desse modo, deve-se levar em consideração as falas, por meio das quais os sujeitos podem dar voz às suas vivências, relacionando-as com as categorias citadas anteriormente, pensando na forma como tais questões reverberam sobre a prática profissional de psicologia.

### Os Discursos Revelam...

#### Vivências Cotidianas

Diante dos estudos acima, observou-se que existem dificuldades no acesso ao ensino superior. Por isso, fazem-se necessárias políticas afirmativas. Muitas vezes, os negros não fazem faculdade; quando fazem, sofrem preconceito e não possuem privilégios como os brancos, por conta das “influências importantes” mantidas há séculos, revelando que os negros deixam de ter esses privilégios, como exemplo, no que diz respeito à indicação de estágios. Fazer cursos complementares no período da formação também não é fácil, pois, muitas vezes, necessitam trabalhar. Como se observa nas seguintes falas de uma psicóloga:

*Olha, eu não sei se a questão de conseguir estágio era por questão de cor, mas sim, eu via também uma questão de oportunidades, que muitas pessoas tinham melhores contatos. Por ter parentes da área de saúde ou conhecer algum amigo, acabou sendo indicado. Não sei se bem por questões raciais, enfim, não sei se posso dizer que é por conta disso, mas por conta das oportunidades. (M. 25 anos, negra).*

*Nem todos tiveram a oportunidade que eu tive. De formação mesmo, de aprofundamento teórico. (...) Então, na realidade, a realidade é essa, onde minha mãe teve que suar muito pra eu chegar onde eu cheguei hoje. (M. 25 anos, negra).*

Nesses casos, a profissional negra se vê querendo obter aprofundamento teórico e prático com estágios. Mas, por outro lado, não possui as mesmas oportunidades que as psicólogas brancas. Esses fatores são revelados como um grave indicador, que aponta que essas profissionais sempre têm os seus direitos negados, inclusive nos estudos, na formação profissional e na procura de emprego. Como pode ser percebido diante do que já havia sido mencionado, baseado na autora Mayorga (2013), é nítido que os negros não possuem os mesmos privilégios. Acontece o mesmo no que se refere às psicólogas negras, o que pode ser verificado na dificuldade do acesso ao ensino superior e na subalternização de cargos quando inseridas no mercado de trabalho, ao contrário das brancas, que sempre obtêm vantagens.

O que são essas oportunidades diferenciadas se não desigualdade em forma de preconceito? Desse modo, percebe-se que, inclusive na psicologia, as mulheres que mais têm facilidade para ingressar em tal curso são majoritariamente brancas.

Baseado em Mayorga (2013), é possível dizer que, ao falarem da própria vivência enquanto profissional e mulher, as psicólogas não levam em consideração as suas especificidades como, por exemplo, o recorte racial, o qual só aparece justamente através das falas das negras. Nos estudos, faltam espaços para a escuta das psicólogas negras e do sofrimento vivenciado por estas. As psicólogas brancas sequer tocam nessa temática, mesmo quando são “induzidas” a isso. A grande questão é que as referidas psicólogas, ao serem questionadas sobre suas experiências como mulheres na Psicologia, respondem principalmente a partir de uma determinada dimensão da experiência das mulheres, enquanto as outras extensões são esquecidas. Constitui-se dessa forma, a invisibilidade que algumas dimensões possuem, as quais geralmente não são contempladas.

As pessoas se mostram racistas e reproduzem desigualdades. No cotidiano do negro, as atitudes e comentários desumanos aparecem inclusive nas suas famílias, que deveria ser um lugar de acolhimento e afirmação da identidade negra:

*Eu tinha uma avó que já morreu, como diz minha mãe de santo, como é que ela diz? Estou falando da matéria, não estou falando do espírito. Que ela [avó] dizia, a gente ia na praia, a família toda passava as férias em Arembepe e ela pedia para tirar os netos mais negros do sol, porque ela dizia que se gostasse de preto, andava com urubu debaixo do braço, ela era negra. Então, era assim ‘tira o menino do sol, para não ficar mais negro’, ela tinha vergonha disso (M. 26 anos, negra).*

Nesse momento, percebe-se a contradição. Ter uma família negra não necessariamente quer dizer que a mesma esteja engajada nos assuntos referentes ao racismo. A avó da psicóloga, por exemplo, é negra e reproduz que o lugar ocupado pelo negro é o de desvalorização. E quanto mais escuros, pior é, querendo distância de seus próprios netos ao estarem na condição de mais tempo expostos ao sol, como se isso “agravasse” a situação deles, comparando-os em tais momentos a urubus, animais que são considerados desprezíveis e nojentos no senso comum.

### **Prática Profissional das Psicólogas Brancas e Negras**

Existem situações de discriminação percebidas pelas psicólogas negras na busca de trabalho, quando sentem a opressão de outras pessoas, influenciando no acesso ao emprego e no progresso da carreira. Os números do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça (2013) revelam que, das empresas inscritas, as mulheres brancas representam 72% e as negras 16,5%. Vejamos a seguir o relato de uma psicóloga negra inserida no mercado de trabalho:

*Assumindo um cargo de gerência, eu trabalho com adolescentes autores de atos infracionais. É um cargo de confiança. Enfim, então eu acho que agora ampliou, eu era psicóloga de uma unidade de atendimento socioeducativo, acho que eu não sentia isso. Mas agora nesse cargo, neste setor, tem uma porção de senhoras, senhoras que tem 20 anos trabalhando são concursadas. Então eu acho que isso é muito complicado para elas, pela minha idade e claro, pela minha cor. (M. 26 anos, negra.).*

Percebe-se que os “olhares” das pessoas da organização em que tal psicóloga trabalha a localizam no lugar de ter uma cor que diz sobre ela por si só. Diz sobre esse lugar de exclusão em que as pessoas negras vivem diariamente, inclusive no âmbito da sua prática profissional.

Quando indagadas sobre como as mesmas se definem, é impressionante como uma das entrevistadas associa isso à sua prática enquanto profissional, falando das possibilidades que obteve durante a sua formação para posterior sensibilização e reflexão das relações raciais, que acabaram se estendendo para a sua profissão:

*É, eu me defino como uma mulher negra, que adora pesquisa. Que de certa forma foi na faculdade que descobriu essa temática. E pôde viver vários momentos de reflexão e de certa forma na construção da atividade profissional, pôde também realizar alguns tipos de construções mesmo voltadas também para essa área. (M. 29 anos, negra).*

Os grupos de estudo e matérias que sensibilizam sobre tais temáticas atingem e aproximam negros e brancos. Sabe-se que não são assuntos fáceis, por tocarem diretamente em tópicos sócio-históricos referentes à brancos e negros, tais como escravidão, racismo e desigualdades.

Ainda nesse mesmo sentido, quando questionadas sobre o conceito que tinham atualmente sobre o que é ser negra, e se o mesmo mudou depois da graduação, uma das entrevistas relatou o seguinte:

*Sim, sim... mudou. Creio que melhorou. Acho que o próprio curso também, em si, de Psicologia me ajudou bastante. E a matéria específica. Ter tido o grupo de estudo específico também. Trabalhava muito essas questões. (M. 25 anos, negra).*

Desse modo, pode-se concluir que é de extrema importância quando as temáticas de gênero e relações raciais estão inseridas nos mais diversos âmbitos. Especialmente dentro da Psicologia, onde as profissionais têm a oportunidade de obter conhecimentos e ao mesmo tempo participar de discussões, o que faz toda a diferença na construção identitária das psicólogas negras e da sua prática profissional.

No que tange à atuação profissional de psicologia, esses assuntos devem ser abrangidos para as profissionais brancas, lembrando que todas as profissionais devem estar implicadas nestas temáticas. Pois quando as pessoas estão em contato com determinados assuntos, tendem a passá-los para outros indivíduos e também usá-los na atuação profissional. Os exemplos a seguir nos mostram:

*E na sociedade assim, quando, no local que eu trabalho, tento passar isso, essa questão da conscientização racial quando dá. Lógico. Então com as crianças que eu trabalhava na instituição de adolescentes, eu trabalhava sobre isso. (M. 25 anos, negra).*

*A importância está até mesmo com o compromisso, desenvolvendo algo. Para que, essa informação chegue a mais pessoas. De certa forma, está aí, compromissada. Em está ampliando da mesma forma que eu recebi. Esse conhecimento, é... fazer com que outras pessoas cada vez mais recebam também e fiquem mais conscientes da sua vida. (M. 29 anos, negra).*

As psicólogas acima revelam como tentam inserir na sua vida social, pessoal e profissional a temática das relações raciais, fazendo intervenções, passando os conteúdos à diante, assim como aprenderam, inclusive na clínica. Ao terem essa discussão, não deixarão passar despercebido pela sua escuta quando o sofrimento psíquico decorrente de práticas discriminatórias vier à tona no processo terapêutico.

### **Aspectos da Construção Identitária**

Há situações de discriminação às quais as pessoas negras são submetidas na busca de empregos. Como foi citado anteriormente, a porcentagem de mulheres negras empregadas é bem mais baixa do que a de mulheres brancas, o que pode levar muitas vezes essas pessoas a procurem empregos que precisem de desempenho específico, em que a força física é exigida:

*Já como eu sou de Jundiá que é uma cidade predominantemente italiana, de imigrantes*

*italianos, então tinha poucos negros e os que tinham estavam o tempo todo ocupando o próprio lugar de negro que era na cozinha mesmo, entre aspas assim. (M.48 anos, negra).*

O discurso acima demonstra a percepção sobre a sociedade de uma psicóloga que possui familiaridade com a discussão, e que ilustra como a sociedade trata os assuntos das relações raciais.

As entrevistas nos dão uma noção da proporção das milhares de histórias de vida existentes pelo mundo das pessoas que vivenciam na pele o que é ser negro em um país tão desumano. E como as pessoas convivem com o histórico de racismo que circunda a sociedade e que automaticamente fere a identidade do negro.

### Considerações Finais

Ao longo do artigo, perceberam-se as adversidades e a trajetória no contexto em que as relações raciais estão inseridas. A mesma temática deveria estar presente na prática das profissionais de Psicologia, mas como se pôde observar, o tema permanece na maioria das vezes ausente. Precisa-se levar em consideração políticas que desenvolvam a afirmação da identidade negra e feminina, assim como a repercussão da ausência de tais conhecimentos na vida da sociedade, que poderia atingir a população por meio das psicólogas, negras e brancas.

Com a revisão de literatura, foi possível identificar como as práticas racistas deixaram marcas e interferem na prática profissional de psicólogas. Com o conteúdo das entrevistas, emergiu uma reflexão sobre as possibilidades de atuar diante do racismo desde que assumida a condição da sua própria cor, sendo ela branca ou negra. Entretanto, ainda será necessário que sejam realizadas entrevistas com psicólogas brancas para ampliar o banco de dados e identificar como se dá a prática profissional de psicólogas brancas engajadas na temática das relações raciais.

Quem são as mulheres que estão na psicologia? Estas escrevem, estudam e se preocupam com os temas sobre as relações raciais? As psicólogas brancas negam a negritude? Seria luta apenas dos negros tratar de tais assuntos?

Mesmo com parte dos resultados da pesquisa, já foi possível perceber que as profissionais de psicologia brancas e negras ainda precisam engajar-se na sensibilização de tais temas, expandindo-a para a sua atuação. Além da população como um todo, atentando-se para as questões de gênero e raça, pois a sociedade é sexista e racista.

Espera-se que sejam realizados investimentos consistentes, e que possam ser realizados estudos posteriores que tragam a vertente de psicólogas e das especificidades vivenciadas pelas mesmas no que diz respeito às relações raciais.

As temáticas que foram abordadas atravessam a vida de todos os cidadãos, profissionais de psicologia, pacientes ou não, independentemente da cor. Pois o tema, as suas discussões e políticas afirmativas não devem passar de forma despercebida pela sociedade, já que as melhorias chegarão para todos. Já a psicologia pode contribuir com esses aspectos pouco desenvolvidos, e que merecem muita atenção.

### Referências

- Bento, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, I., & Bento, M. A. S. (2002). (Orgs). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. (pp. 25-57). Petrópoles, RJ: Editora Vozes.
- Bock, A. M. B. Eu caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo. In Spink, M. J. (1995). (Org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. (pp. 280- 291). São Paulo: Brasiliense.

- Brasil. (2013) Presidência da República. Secretaria de políticas para as mulheres. Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça 5ª Edição – Guia Operacional 5ª Edição. Recuperado de <http://www.spm.gov.br/programa-pro-equidade-de-genero-e-raca-5a-edicao/guia-operacional-1>.
- Camino, L., Gouveia, L., Maia, L. M., Paz, M. M. Á., & Laureano, M. (2013). Repertórios discursivos contemporâneos sobre as desigualdades raciais no Brasil: um estudo com estudantes paraibanos de pós-graduação. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 113-122. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000100013&lng=en&tlng=pt.0.1590/S0102-71822013000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100013&lng=en&tlng=pt.0.1590/S0102-71822013000100013).
- Castelar, M., & Santos, C. (2012) Relações raciais no ensino de psicologia: uma experiência de sensibilização Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, dez. 2012; 1(1):75-86. Recuperado de <http://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/43/0>
- Código de ética profissional do psicólogo. (2005). Recuperado de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo\\_etica.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf)
- DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. (1999). Mapa do negro no mercado de trabalho no Brasil. Relatório de Pesquisa ao INSPIR - Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial. Recuperado de <http://www.dieese.org.br/dieese/projetos/inspir/relatorioPesquisa.pdf>.
- Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 374-389. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000200013&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932011000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932011000200013).
- Furtado, O. (2002). *RESOLUÇÃO CFP N.º 018/2002*. Recuperado de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002\\_18.PDF](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF)
- Gohn, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade, 2011. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>
- Gomes, N. L. (2012). Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Educação & Sociedade*, 33(120), 727-744. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302012000300005&lng=en&tlng=pt.101590/S0101-73302012000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000300005&lng=en&tlng=pt.101590/S0101-73302012000300005).
- Inácio, O. (1984). Eu, mulher, psicóloga e negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4(2), 10-15. Recuperado em 10 de fev de 2014, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931984000200004&lng=en&tlng=pt101590/S1414-98931984000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000200004&lng=en&tlng=pt101590/S1414-98931984000200004).
- Julio, A. L. S., & Strey, M. N. (2009). Negros e negras no ensino superior: singularidade para a permanência. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - ISSN 1983-2354. Recuperado de [http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Negros\\_e\\_Negras\\_no%20ensino\\_superior\\_singularidade\\_para\\_permanencia.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Negros_e_Negras_no%20ensino_superior_singularidade_para_permanencia.pdf)
- Lhullier, L.A., & Roslindo, J.J. As psicólogas brasileiras: levantando a ponta do véu. In Lhullier, L. A. (2013) (org). *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*. (pp. 19-51) – Brasília, DF: CFP.
- Mayorga, Claudia. Sobre mulheres, psicologia, profissão e a insistente ausência das questões raciais. In: Conselho Federal de Psicologia. Lhullier, Louise A. (org). (2013). *Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres*. (pp. 173-199). Brasília: CFP.
- Minayo, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In Deslandes, S. F., Neto, O. C., Gomes, R., Minayo, M. C. S. (1994). (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (pp. 09-29). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2010). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.

- Nascimento, E. P. (1994). Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Recuperado de <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=315>
- Oliveira, L. O. A. (2007). Expressões de Vivência da Dimensão Racial de Pessoas Brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador). Recuperado de [http://www.pospsi.ufba.br/Lucio\\_Oliveira.pdf](http://www.pospsi.ufba.br/Lucio_Oliveira.pdf)
- Ribeiro, C. A. C., & Silva, N. V. (2009). Cor, educação e casamento: tendências da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados*, 52(1), 7-51. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582009000100001&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0011-52582009000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582009000100001&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0011-52582009000100001).
- Rodrigues, C. S., & Prado, M. A. M. (2010). Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 445-456. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000300005&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-71822010000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000300005&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-71822010000300005).
- Santos, A. O., Schucman, L. V., & Martins, H. V. (2012). Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 166-175. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932012000500012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932012000500012).
- Schucman, L. V. (2012). Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Schucman, L. V. (2010). Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 41-55. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Spink, M. J. (2004). (Org). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Zamora, M. H. R. N. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, Dec. 2012. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922012000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922012000300009&lng=en&nrm=iso).

